

ENVELHECIMENTO E SEXUALIDADE – MEDIDAS PREVENTIVAS

Paulo Canella¹
Marise B. Jurberg²
Maria Luiza Macedo de Araújo³

Resumo

Os autores apresentam os diversos aspectos que envolvem o processo de envelhecer, discutindo-o tanto do ponto de vista, biológico, quanto psicossocial, sem esquecer as contribuições de diversos filósofos, articulando-o ao exercício da sexualidade nesta faixa etária.

175

Introdução

“A juventude é uma doença que se cura com o tempo”

Jorge Luiz Borges

Simone de Beauvoir, na introdução do seu expressivo ensaio “A Velhice”, nos diz que esta “é coisa que só diz respeito aos outros; pode-se assim compreender que a sociedade consiga evitar que enxerguemos semelhantes nossos, nos velhos”.(p.10) Sem dúvida, mesmo os velhos podem exibir uma curiosa incoerência, a de considerar velhos os outros, os mais velhos que eles. Mais curioso ainda é que a sociedade destaca-se como se, fora dela, estivessem a criança, o adolescente, o louco, o

¹Doutor em Medicina – UFRJ; Prof. Titular de Ginecologia (IG-UFRJ) e do Mestrado em Sexologia da UGF; email: messex@ugf.br e canella@gineco.ufrj.br

²Doutora em Psicologia – USP; Professora do Mestrado em Sexologia da UGF; email: messex@ugf.br e mabj@openlink.com.br

³Doutora em Filosofia-UGF; Professora do Mestrado em Sexologia da UGF; email: luaraujo.rlk@terra.com.br

doente. Pessoas que, assim como os velhos, constituem segmentos sociais que sempre dizem respeito aos "outros".

Em geral, e mais especificamente em relação ao nosso tema, a sexualidade, causa escândalo quando o idoso manifesta os mesmos desejos dos jovens, os mesmos sentimentos e reivindicações, quando exibem violência, amor, ciúme e aptidão sexual. A sociedade, nestes casos, o vê como ridículo.

O que se espera do idoso é o desapego das coisas do sexo, e a serenidade, "virtudes" que autorizam e justificam o desinteresse da sociedade por eles. No entanto, toda atividade de um ser humano é sexuada e inerente ao seu gênero. A sexualidade envolve todo o comportamento de uma pessoa, em sua interação com a sociedade.

176

Julian Marias considera o masculino e o feminino, na razão humana, como um processo de instalação sexuada complementar, que se estabelece por disjunção feminino e masculino, não só pela semelhança, mas sincronicamente pela identificação da diferença. Tudo indica que a instalação da velhice se faça da mesma forma no mundo. Assim, como todo comportamento humano instala-se no mundo sexuadamente e como, para os indivíduos, o universo é sexuada, de tal forma que os problemas de inserção dos seres na sociedade jamais deixam de referir-se a sexo e sexualidade. Por isso, com frequência, as psicopatias e sociopatias afloram através de distúrbios do comportamento sexual.

O sexo é uma dádiva que permite manter a espécie viva: como resultante aleatória do prazer, prazer necessário à vida, que persiste mesmo depois de passado o período reprodutivo; prazer que, quando não pode ser obtido (ou é negado ao indivíduo, como frequentemente ocorre na velhice), torna-se uma carga, uma moléstia aceleradora do processo de envelhecimento. A ausência de perspectivas é mais perceptível e cruel na velhice dos pobres, onde o desamparo condena o indivíduo à indignidade.

Salvo nos raros casos em que foi possível, aos velhos, conservar a autonomia e a integridade, são eles, nos dias de hoje, vistos como carga para a sociedade, como parasitas improdutivos que não mais produzem e que vivem do trabalho dos jovens, amparados pelas leis sociais. Mas esta idéia de que quem não produz, mesmo que já tenha muito produzido, que é um peso inútil, já era desenvolvida na "República" de Platão. No livro III, Sócrates adverte aos médicos que não são preceitos, de Asclépius, manter vivos, às custas de tratamentos caros e trabalhosos, aqueles que já não contribuem, com sua produção, para a "polis".

Até o século XIX, não havia referências a velhos pobres. Os pobres morriam antes da velhice; só os ricos, e relativamente poucos, chegavam a ela. Nesta época, a velhice era fundamentalmente um problema masculino; os códigos eram (e ainda são) feitos para os homens que tinham o poder, e eles é que o perdiam, não só o poder econômico, como também, em especial, o sexual. No final deste século, em plena era industrial, surgiu situação curiosa: os homens mais poderosos, donos das grandes indústrias, eram velhos, assim como também eram velhos os que constituíam o segmento mais decrépito da população européia: uma legião de ex-operários, desempregados, já fisicamente incapazes de exercer as pesadas tarefas nas fábricas, vistos como peso improdutivo para a sociedade.

Hoje, o mundo envelhece, como aliás envelhecem as células, os órgãos, as funções orgânicas, as empresas, os governos. Caminhamos para uma dominância dos idosos na composição da pirâmide populacional, mas felizmente, pelo menos, já com uma razoável proteção social. Os números que espelham a gerontodemografia são contundentes.

O envelhecimento da população é o fenômeno contemporâneo mais nítido e preocupante. O aumento do número de velhos e, principalmente, a elevação da expectativa de vida, têm influência no equilíbrio econômico e cultural das sociedades. Era fácil e barato, aos jovens, sustentar os poucos velhos que sobreviviam. No tempo dos romanos, a esperança de

vida não passava dos 18 anos e, no século XVII, estava em 25 anos, época em que o filho tinha em média 14 anos, quando morria seu pai. Nessa época, apenas 10% da população atingia os 60 anos.

Em 1851 existia, na França, 10% de pessoas com mais de 60 anos; em 1975, este número atingia 18%, e hoje é de mais de 20 %. Em 1850, nos Estados Unidos, havia 2,5% de indivíduos maiores de 65 anos; em 1900, eles passaram a 4,1% e, em 1975, a cifra chegava a 9%, estando hoje também em cerca de 1/5 da população.

No Brasil, em 1975, tínhamos 2,45% de velhos; hoje, eles estão alcançando patamares semelhantes aos dos países considerados desenvolvidos. O Brasil tem, hoje, o impacto enfrentado antes pelos países europeus, qual seja o de ter de enfrentar o ritmo de crescimento da população idosa, que hoje está em cerca de 16 milhões. Projeções para o ano 2025 mostram que o Brasil deverá possuir a sexta maior população idosa do mundo, com cerca de 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos de idade.

Foi a partir de 1960 que começou o aumento proporcional do grupo nesta faixa etária; enquanto a população jovem tinha seu processo em desaceleração, com um acréscimo de 31% entre 1960 e 1970, esse acréscimo caiu para 18% entre 1970 e 1980. Os indivíduos idosos, que representavam apenas 3,2% em nosso país, em 1900, e 4,75 em 1960, poderão atingir 13,8%, em 2025. No período entre 1900 e 1960, enquanto a população idosa tenha aumentado 497%, a população como um todo cresceu 302% e espera-se que, de 1960 até 2025, a crescimento dos idosos chegue a 917%, contra apenas 250% da população total.

O resultado destas mudanças na estrutura etária do Brasil é a modificação da forma de sua pirâmide populacional, que progressivamente perde sua forma piramidal e passa para a forma de barril, característica de uma população estabilizada. As causa de óbito da população também se modificaram: se, em 1930, a metade dos óbitos era devida a doenças infecciosas e parasitárias, em 1980 essas

enfermidades foram responsáveis apenas por 10% dos mesmos, dando lugar, a partir de 1960, a doenças crônico-degenerativas e, principalmente, as afecções cardio-vasculares, situação esta mais aproximada daquelas dos países mais desenvolvidos.

Em 1975 existia, nos Estados Unidos, 2/3 de homens com mais de 65 anos vivendo com as esposas, 16,2% sozinhos e 3,5% em asilos. Entre as mulheres, 1/3 tinham maridos, 1/3 viviam sós, muitas com filhos, e 4,3% estavam internadas em asilos. Hoje, estes números são mais contundentes e tendem a crescer. A situação era similar entre as mulheres francesas: 35% das idosas viviam com seus cônjuges, 30% sós e 9% com amigos ou irmãos. Constatava-se que quase o dobro de mulheres ficam sozinhas na terceira-idade, comparativamente aos homens.

Sabendo-se que o exercício da sexualidade se faz com um parceiro - seja ele real, virtual ou fantasiado - a solidão do idoso reduz substancialmente a possibilidade de atividade sexual. A seguir, faremos uma pequena exposição do conceito de envelhecer, através da história.

Pequena evolução do envelhecer

No Egito, em 2500 AC, Ptah-Hotep - filósofo e poeta - escreve sobre a debacle que é a velhice, enumerando itens específicos sobre a decrepitude em um papiro. No início de seu antigo livro, ensina ele a maneira de transformar um homem velho em jovem, o que poderia ser feito se ele comesse glândulas de animais jovens.

Na Grécia, a idade estava associada à honra e veneravam-se os idosos e deles orgulhavam-se suas "polis", que possuíam a Gerúsia, ou seja, o Conselho de Velhos. Para Platão, o reinado da competência seria a gerontocracia. Hipócrates igualmente considerava o apogeu do indivíduo aos 56 anos e Aristóteles acreditava que o corpo atingia seu ápice aos 38 anos, enquanto a alma somente aos 50 anos.

Quanto à sexualidade, embora este conceito não existisse na época, era controlada por comportamentos positivos que se esperava do cidadão grego; a idade madura era o momento mais propício para possuir "Sophrosine", o auto-controle, com sua variante exterior, "Encrateia". O controle era necessário à "aphrodisia", a busca dos prazeres e o "kairos", o tempo oportuno para os atos e as realizações, deviam ser obedecidos. Estes comportamentos faziam parte dos ideais de virtude do cidadão grego. Sob a forma de recomendações e restrições, até hoje esses conceitos perduram na civilização ocidental.

Restringia-se, aos velhos, as relações com mulheres jovens na Grécia helênica, pois acreditava-se que uma eventual gestação resultaria em criança frágil ou malformada. Era uma atividade sexual mediada pelo "kairos", o momento oportuno, e a velhice, portanto, não era o momento adequado ao exercício da sexualidade. Sófocles declarou, ao versar sobre as coisas do amor, que "foi com a maior satisfação que dele (o amor) me livre, como se me houvesse evadido da casa de um amo loucamente selvagem".

Na Bíblia católica (Daniel-XIII), relata-se o episódio vivido por Suzana, jovem casta e honesta, desejada por dois velhos lúbricos que a acusaram de ter perdido a castidade, como vingança, por ela ter-se negado a com eles fornicar. Os dois foram condenados à morte. Também a Bíblia preconiza respeito aos anciões; a aristocracia sacerdotal, o Sinedrium, tinha, em sua composição, os anciões do povo. O Eclesiastes (XI e XII) fala de mocidade e velhice. Os jovens devem aproveitar seu tempo, pois virão "Os anos em que dirás - Não encontro aí nenhum prazer".

Galeno, no séc. II, escreveu a "Gerocomica", obra contendo conselhos de higiene e na qual ensinava a aquecer e hidratar, como medidas básicas para cuidar da velhice. Uma forma primitiva de tratar, mas que já continha aspecto preventivo.

Dante dizia que a velhice iniciava-se aos 45 anos. Cícero, em "de Senectute", diz que, na velhice, a privação do sexo não é muito dolorosa,

posto que o velho priva-se daquilo que não mais deseja. Avicena (séc. XI) descreve as doenças crônicas e os distúrbios dos velhos e Roger Bacon, no século seguinte, (séc. XII) considera a velhice uma doença. Zerbi (séc. XV) resume, na "Gerontocomia", uma série de preceitos higiênicos para prevenção da velhice.

Foi Prus, em 1840, quem escreveu o primeiro tratado sistemático sobre doenças da velhice. Na França, os asilos criados para abrigar leprosos, que então escasseavam, passaram a reunir numerosos velhos. A Salpêtrière, famoso hospital de Paris, abrigava 1000 doentes e 3000 velhos e, em Bicêtre, ocorria situação idêntica. Charcot, um dos mestres de Freud, fez estudos sistemáticos e conferências de grande repercussão sobre a velhice, em 1886.

Em meados do séc. XIX, havia um grande número de estudos sobre a velhice e ensaiava-se a geriatria – sem, entretanto, ter este nome – e a prevenção dos problemas da velhice cede lugar à terapia dos idosos. Surge o conceito de velhice como doença e, conseqüentemente, pretende-se curar os velhos. A velhice já existia antes da industrialização e da constituição do proletariado urbano, mas era entendida mais como uma etapa de vida, à qual poucos conseguiam chegar. Na sociedade atual, burocratizada, o critério da idade cronológica torna-se fundamental, estando em função dela o status que possuímos dentro dela. A classificação da população em infância, adolescência, adulto e velhice nem sempre existiu, tendo surgido com a burguesia, e sendo Rousseau o seu sistematizador.

Foi Nascher, nascido em Viena e formado em medicina em Nova York, quem criou a geriatria. Em 1909, ele publicou um programa de estudos sobre a velhice e, em 1912, criou a Sociedade de Geriatria. Tempos depois, surge a Gerontologia, que estuda o processo do envelhecimento.

As representações sociais da velhice dependerão do tipo de sociedade, de fatores históricos, econômicos, psicológicos e sociais. A expectativa

média de vida, por exemplo, no início da era cristã era, aproximadamente, de 30 anos, permanecendo nesses níveis durante os séculos iniciais e em toda a Idade Média. Após o Renascimento, com seus diversos avanços sociais, políticos, culturais e científicos, a expectativa ao nascer, no primeiro mundo, começa a elevar-se: em 1750, era de 35 anos; em 1800, era de 40 anos e, no começo do século XX, já atingia os 45 anos.

Utiliza-se, como idade de transição dos indivíduos, para sua inclusão no segmento idoso da sociedade, a idade de 60 anos. Este é o corte etário adotado pela ONU, para os países em desenvolvimento, enquanto para os países desenvolvidos, a idade é de 65 anos.

Em nossos dias, convivem duas assertivas que tentam tornar a velhice mais amena. A primeira é a preventiva, que preconiza medidas gerais de comportamento (sol, exercícios, lazer, dieta e atividades específicas voltadas para a chamada terceira-idade), assim como o uso profilático de fármacos (vitaminas, anti-oxidantes, hormônios, redutores dos níveis de colesterol, sildenafil para as falhas de erecção etc). A segunda possui uma visão terapêutica, cosmética, indicando transplantes, cirurgia plástica e prótese peniana para as falhas de ereção. Cabe, ainda, assinalar que cresce o segmento "geronto" da sociedade, mas não se logrou, até agora, eliminar as diferenças entre pobres e ricos, crescendo o mercado para os produtos dirigidos à terceira idade, tanto os de venda direta aos ricos, como os de consumo indireto pelos pobres, estes últimos financiados ou por leis sociais, ou pela caridade que, de certa forma, não pode existir sem a pobreza.

BIO-PSICO-SOCIOLOGIA DO ENVELHECIMENTO

A visão da técnica (Biologia)

Biologicamente, o que é o envelhecimento? Algo que todos sabemos o que é, mas quando pretendemos definir, ou conceituar, já não

sabemos com tanta precisão. Há critérios cronológicos, biológicos, psicológicos e sociológicos que, com freqüência, se contradizem, dificultando a precisão.

Por outro lado, o envelhecer refere-se à existência, à vida e sua trajetória no tempo. Animais e humanos, assim como tudo que a cultura humana cria, são fadados a envelhecer, embora se perpetuem reproduzindo-se, aparentemente pela eternidade.

“A gente mal nasce, começa a morrer” disse, em um verso, Vinicius de Moraes. Na verdade, a vida é um movimento eterno e imortal, se considerarmos a capacidade cognitiva da espécie. A matéria viva eterniza-se através do ácido desoxiribonucleico (DNA) e de seu mensageiro, o ácido ribonucleico (RNA). Os organismos encarregados de os perpetuar possuem propriedades, tais como a invariância reprodutiva (a reprodução transmite informações que determinam a conservação da norma estrutural específica), a teleonomia (o projeto que consiste na transmissão do conteúdo de invariância da espécie) e a morfogênese autônoma, estruturação espontânea que garante a execução do projeto de vida. Assim, os organismos vivos não seriam mais que um artifício de eternização dos fundamentos da matéria viva.

No entanto, o que nos interessa é exatamente o “artifício” humano, com cuja unidade individual nos identificamos. Nós, humanos, nascemos, crescemos, reproduzimo-nos, envelhecemos e morremos e, neste movimento, preservamos eternamente, na prática, a vida.

O processo de envelhecer é um movimento de ganhos e perdas, uma modelagem metabólica que comporta relação diádica entre anabolismo e o catabolismo, com predominância dos ganhos anabólicos até a maturidade e das perdas catabólicas, na velhice, após um período de 30 a 35 anos de equilíbrio. As atividades metabólicas se realizam através de reações físico-químicas, campo de estudos para o qual está hoje voltada a pesquisa de ponta.

O organismo humano processa o metabolismo através de sua estrutura composta de células. Estas células compõem órgãos que constituem sistemas e estes sistemas (nervoso, respiratório, cardio-vascular, reprodutivo, digestivo, uro-genital, locomotor, etc.) se interrelacionam através de mecanismos de integração. Estes mecanismos possibilitam que o organismo humano viva como uma unidade somato-psíquica, com a propriedade de manter-se pela nutrição e de perpetuar-se pelo exercício da sexualidade. Há células que se renovam por toda a vida, outras há que fazem parte da constituição do indivíduo, sendo perenes e sujeitas ao desgaste com o tempo.

O envelhecimento depende da deteriorização das células e, portanto, dos órgãos e dos mecanismos de interação. O desgaste orgânico produzido pelo tempo é inevitável e depende de fatores singulares, genéticos ou adquiridos, que envolvem instâncias psíquicas e socio-culturais além de biológicas, que se inter-influenciam.

Segundo Haddad (1993), a velhice é pensada, exclusivamente, como etapa do ciclo biológico da vida, como um processo inexorável da existência, a que todos estamos igualmente sujeitos, mas que também relaciona-se com o modo pelo qual a sociedade explora a força de trabalho. A sociedade industrial rejeita o indivíduo velho, que não mais lhe pode oferecer sua produtividade. Os corpos dos trabalhadores são transformado em valores de uso, de mais valia; a perda de sua utilidade implica o desinteresse pelo indivíduo que não mais produz, pois que ele é visto como uma máquina desgastada pelo tempo.

Na verdade, conforme assinala Beauvoir (1990), o trabalhador aposentado desespera-se com a falta de sentido de sua vida presente, mas na realidade este sentido lhe é roubado pelos valores das sociedades que vivem para o capital e o consumo.

O enrugamento da pele, a redução da massa muscular e da massa óssea, a esclerose das artérias, a redução da absorção dos alimentos, a

diminuição da memória e a queda do desejo sexual e diminuição dos níveis hormonais, nas mulheres, e da capacidade de ereção nos homens, são alguns dos aspectos biológicos que acompanham o envelhecer. O exercício da sexualidade, entre os velhos, altera-se em função das modificações gerais da velhice e das mudanças na resposta sexual.

Masters e Johnson estudaram a resposta sexual dos idosos e concluíram que ela permanece idêntica à dos indivíduos jovens e maduros, havendo apenas aumento do tempo necessário para que ela se efetive e alguma redução na intensidade de reações, tais como as contrações clônicas da musculatura pélvica durante o orgasmo, o aumento do tempo necessário para a lubrificação e redução da congestão vulvar. No homem, a principal consequência da idade se manifesta na ereção. Torna-se ela menos firme e sua duração fica menor. Estas alterações, no entanto, são perfeitamente compatíveis com uma vida sexual satisfatória, embora com maior ou menor redução do desejo sexual e, portanto, alterações na frequência da atividade genital.

Administrar as deficiências, lutar contra a depressão e o desejo de inatividade, aceitar a incapacidade de seduzir e ser seduzido, além da obrigação de aceitar a auto - imagem deficiente do seu corpo, afastam o velho do exercício sexual, em especial o sexo genitalizado, já que teria, o idoso, o seu narcisismo frustrado.

Paralelamente, as doenças resultantes do desgaste das estruturas orgânicas, como a hipertensão arterial, o diabetes, a doença cardiovascular, a osteoporose, a demência senil, hoje doença de Alzheimer, e algumas outras, menos frequentes, reduzem a atividade física e alteram a dinâmica do ato sexual do idoso, ou o inviabilizam.

As limitações próprias da idade, vistas como normais, afastam a idéia de doença, mas, por outro lado, vistas como doenças, afastam a idéia de idade. Acaba-se por não crer nem em uma nem em outra coisa. Esta situação é bastante freqüente, no que concerne às disfunções sexuais.

Nem sempre é fácil ao indivíduo distinguir, naquilo que sente, o que é causado pela idade, (e portanto inerente à norma), e o que tem, como causa, uma doença. Mais ainda podem confundir-se os médicos, ao analisarem o idoso.

Galeno dizia que a velhice é um estado entre a saúde e a doença; tinha ele suas razões, posto que os mecanismos de adaptação, com frequência, compensam deficiências, e o idoso aprendeu – ou deve ter aprendido – a ser tolerante e, muitas vezes, até resignado.

A visão de si (Psicologia)

A visão pessoal da velhice e de si mesmo, enquanto velho, ou a percepção da velhice da pessoa, como preferia nomear Nahoum, inicia-se na juventude e continua célere, durante a “adulthood”, embora nem sempre os indivíduos a registrem e mesmo a rejeitem. Na verdade, não podemos saber quem somos, se ignorarmos o que seremos, mas na maior parte das vezes, as pessoas não querem saber quem são e buscam ser o que os outros acham que elas são. Segundo o psicanalista Grotjan (apud Beauvoir, 1990), “nosso inconsciente ignora a velhice. Alimenta a ilusão da eterna juventude”. Dentro desta visão, a concepção de envelhecimento não é dada biologicamente, pela compreensão do ciclo vital, mas dependerá da forma pela qual os diferentes grupos sociais entendem o processo. Assim, esta percepção é alcançada na relação com o outro, na interação social, a partir do confronto com a imagem de si que o outro lhe empresta, a qual é imposta pela sociedade, através de suas representações sociais.

Devemos compreender que os mais velhos nos contêm, mas não nos reconhecemos nas pessoas dos velhos e das velhas. Embora a boa ou a má velhice de uma pessoa seja resultante da totalidade de sua vida, da infância à velhice, passando pela adolescência e o período reprodutivo, não nos damos conta disso. A velhice reflete a totalidade de um

indivíduo, ela é particular, é do âmbito da singularidade, embora a sociedade tente reduzi-la à pluralidade das probabilidades. Cada pessoa envelhece de uma forma, e as estatísticas que verificam as mudanças na sexualidade dos velhos nada dizem, além das probabilidades que uma pessoa tem de encontrar-se como incluso nas igualdades ou diferenças do que probabilisticamente ocorre, em termos de frequência.

Os padrões clínicos propostos por Prill e Van-Keep, para pacientes climatéricas, adaptam-se perfeitamente ao envelhecimento:

- Passivo: aceitação resignada da velhice como algo inevitável e com um variável grau de depressão.
- Neurótico: resistência ao envelhecimento. A personalidade perde a identificação com o corpo, surgindo ansiedade, depressão, irritação.
- Hiperativo: superação dos problemas e das eventuais alterações orgânicas e psicológicas pela dedicação ao trabalho, ao lazer produtivo, à sociabilidade.
- Adequado: ajustamento às mudanças sociais e biológicas - racionalização, adaptação.

Os três primeiros padrões podem ser identificados transitoriamente, em todas as pessoas que envelhecem, evoluindo a maioria, com o decorrer do tempo, para o padrão adequado. No que diz respeito à velhice feminina, há percentuais verificados por diversos autores, no período climatérico: 15 a 20% passivo; 8 a 15%; neurótico; 5 a 10% hiperativo e 60 a 70% adequado. Possivelmente, entre os homens, os números são semelhantes.

Renovar para rejuvenescer é o movimento com o qual o ser humano contempla a exterioridade e, para isso, é fundamental o papel da memória. Por outro lado, o envelhecer remete, ainda, através da memória, à interioridade. O mundo caminha no tempo que percebemos fora de nós, e nos leva com a consciência do "ser" que somos, com nossa interioridade, nosso espírito, nossa mente, nosso intelecto, à finitude. Tudo que se transforma no mundo soa em nós

como novo, como um rejuvenescimento; é a memória do antigo, assim como nossa atitude diante do que é jovem, que permite a consciência do envelhecer.

A velhice é uma relação dialética entre o próprio ser e o outro; é através desse outro que tomamos consciência de nossa velhice. No que se refere à sexualidade, é preciso que o outro, projetado por nós, nos veja desejável, nos veja objeto do desejo. Pois que, só desejados, podemos realizar nosso desejo.

O velho lúcido analisa a mudança e o grau com que afere, psicologicamente, sua relação com o seu grau de "envelhecimento". De certa forma, o desprezo do novo, pelo velho, depende do grau de rejeição do velho, pelo novo.

O destino dos velhos, em sua maioria, é inerente à vida que ele levou. Durante toda a existência, o ser humano prepara sua velhice, mesmo que disso não se dê conta. Salvo os casos de infortúnio, o viver contém, em si, inerente, a velhice. O velho é ele e suas circunstâncias de vida. Uma das coisas velhas mais marcantes é um retrato, no qual nos vemos quando ainda jovens.

A atribuição de características, à velhice, são muitas vezes gratuitas e pejorativas. Os esquecimentos, por exemplo, tomam conotações diferentes, conforme as idades em que os cometemos. Na infância, o esquecimento é imaturidade; na adolescência, por irresponsabilidade, distração; na maturidade, por excesso de tarefas a realizar e, na velhice, apenas por sermos velhos.

A dificuldade de aprender o novo ocorre, quase sempre, por desinteresse, e não por incapacidade. É comum, no entanto, aceitar-se que o que se realiza, na velhice, deve ser mais profundo do que o que se realiza na juventude.

A sociedade vê, no idoso, um futuro limitado, não só em termos de tempo, como em capacidade; como se ele fosse um passado cristalizado, desinteressante, inútil e desatualizado. É a sociedade que atribui, ao velho, um comportamento ambivalente: ora cobra-lhe pressa na realização de seus projetos, julgando que ele sinta que tem menos tempo de vida pela frente; ora vê, na sua lentidão ao realizar tarefas, o sentimento de que o tempo não importa.

A experiência de saber de onde vem um fato, ou um conceito, é permitir a capacidade de prever; analisando experiências passadas, para onde poderá ele ir, e que conseqüências isso trará, é (ou era) um poderoso valor, inerente à velhice lúcida.

Certamente, quem tem mais experiência, tem maior capacidade de prever o futuro. O que vai ocorrer é previsto pela repetição do que ocorreu no passado, quando houve circunstâncias semelhantes.

O mundo veloz, estudado pela dromologia de Paul Virilio, que nos cerca nos dias atuais, é um desafio para o velho. Acentua-se, nele, o dilema universal do ser humano em geral, ou seja: saber o que pode ser descartado do passado. A dificuldade de atualizar-se, no idoso, não é só porque o conhecimento se multiplica rapidamente, dificultando sua assimilação, mas também pela consciência que a idade nos dá acerca da imensidão do saber, tendendo o idoso, por isso, a voltar-se para os saberes gerais, para a filosofia.

A preguiça é permitida ao idoso, assim como a indolência, o lazer e o sossego. Muitos consideram estas coisas como privilégios da velhice. Há, assim, justificativas para a impotência e a frigidez, para insuficiências e incompetências, e até mesmo para a feiura. O intolerável nos jovens é, na idade avançada, aceito como normal. De certa forma, justificam-se certos preconceitos e estigmatizações como também normais.

A visão dos outros (Psicossociologia)

Tanto no modelo de Marcuse, para a chamada civilização de consumo, como no de Deleuze, para a atual civilização de controle que preside o neo-liberalismo no mundo, inserido no conceito de globalização, há um profundo desprezo e desinteresse pelo improdutivo e pelo que ainda é incontrolável. A velhice é improdutiva, dá prejuízo e é de difícil controle. Ela não é bem vista, neste universo de globalização, onde impera a civilização do lucro.

Em um navio que naufraga, deve-se primeiro salvar as crianças, segundo as mulheres, depois os adolescentes e adultos e, por fim, os velhos. Na sociedade tecnocrática informatizada, mais importante que o saber acumulado pela experiência de muitos anos, é a idéia de saberes superados pelo tempo. O que os velhos sabem pode ser acessado nos computadores. O jovem crê piamente que, por ter nascido depois, tem, à sua disposição, tudo que o mundo descobriu antes. Mesmo os conhecimentos fundamentais, como os que fundamentaram a civilização ocidental, tais como os ensinamentos de Sócrates, Platão ou Aristóteles.

O velho acabado, cristalizado e ultrapassado, é visto como um ente que nada tem a esperar, a desejar, a realizar; a sociedade acha que ele já fez tudo o que devia ou podia e apenas aguarda a morte. Assim, a sociedade o ignora, posto que nada que lhe possa acontecer tem significado ou importância. Desta forma, o velho é abandonado ao seu próprio destino, alijado da sociedade e ganha a liberdade, desde que possa sobreviver à margem da sociedade. Esta forma de conceituar a velhice produz, desde a antiguidade, um marcante conflito de gerações.

O conflito de gerações parece ser tão antigo quanto a civilização. Já no antigo Egito, o tema era discutido e autores como Aristóteles, Sófocles, Plauto, Terencio, Eurípedes e, em especial Cícero, com suas "Cartas a Lucilius" além de Juvenal, em "Sátira X", onde versa, de forma cruel,

as agruras da idade avançada. Igualmente Horácio, em “Epodas”, e Ovídio, em “Os tristes”, pintam a velhice com cores sombrias. Na maioria dos textos, a sexualidade é vista como perda libertadora, ou como atividade proibida ou ridicularizada.

O conluio entre os velhos e crianças cunham as imagem do avô permissivo e do netinho cúmplice, tão freqüentes no cinema e na literatura. A cumplicidade existe na realidade, mas apenas por um breve período de interesses comuns; quando chega a juventude, a ruptura entre as gerações é inevitável e ocorre porque os jovens se vêm fortes (enquanto crianças eram, como o avô, parte de uma minoria frágil, dominada) e tornam-se sensíveis à decadência física dos velhos, rejeitando-a porque a temem para si mesmos. Com freqüência, reprimem em si o temor de envelhecer, colocando-o fora de si. O velho passa a ser o outro. E esse outro deve ser repudiado e ridicularizado, para que não se veja nele sua própria imagem, no futuro.

Nas sociedades mais antigas, era a família que passava o status social, enquanto nas sociedades industrializadas este status deve ser conquistado pelo indivíduo e ser reconhecido pelos demais. Na família pré-industrial também não existia a coexistência de gerações dos dias atuais, pois dificilmente os pais sobreviviam para educar seus filhos. Atualmente, muitas vezes coexistem três ou até quatro gerações, e cada geração destas caracteriza-se mais por constituir-se em famílias nucleares. As filhas, em geral, também trabalham fora e não podem cuidar dos descendentes, nem muito menos dos ascendentes, que acabam tendo uma vida mais solitária. O núcleo familiar desfaz-se quando os filhos saem de casa ou se casam, o que resulta na perda de papéis materno e paterno.

A velhice masculina é menos estereotipada que a feminina. Positivamente, a imagem do velho é ligada a diversos sentimentos e características, alguns positivos - honradez, serenidade, comedimento, experiência e sabedoria - e outros negativos, quando se considera o velho ultrapassado, antiquado, desatualizado, improdutivo, inútil,

pesado, doente, insano, além, obviamente, como assexuado ou, caso contrário, lúbrico, pervertido.

Quanto à mulher velha, positivamente ela é vista como honrada, paciente, virtuosa, maternal, etc; já negativamente, em especial quanto a aspectos sexuais, a mulher velha é percebida como alcoviteira, cafetina, feiticeira, interesseira, sogra, repugnante, lúbrica, ridícula.

Parece sempre terem existido dois pesos e duas medidas, na maneira com que a sexualidade foi e é vista pelos indivíduos. Quando olham para si mesmos, há permissividade quanto à repressão e o direito de preservar a própria intimidade sexual. Quando vêm os outros, as pessoas são repressivas e se dão o direito de invadir a intimidade das demais. É desta forma que os jovens se preservam dos velhos e, os velhos, fazem o mesmo em relação aos jovens. É também pelo mesmo processo que se estabelece o controle da sexualidade, em especial ao nível da genitalização.

O velho deixa de ser sedutor, deixa de ser objeto de sexualidade do outro, não se sente desejável e, assim, tem dificuldade de realizar seus próprios desejos. Com freqüência, o homem idoso usa artifícios, obtém sexo através do dinheiro, das influencias, do uso do poder. O mais das vezes, à mulher idosa, só resta a resignação.

Apesar das injunções socio-culturais, o exercício da sexualidade depende da individualidade dos parceiros, tanto como pessoas, quanto como verdadeiros parceiros. Não custa reafirmar que o equilíbrio da sexualidade do idoso depende de como ele viveu sua vida sexual, como um todo. O seu jeito de ser, na atualidade, depende das experiências que viveu e de tudo que aprendeu no decurso de sua existência, e que, como qualquer outra pessoa, deve ser respeitada. Como diz um antigo provérbio africano, “ quando um homem morre, é como se uma biblioteca inteira se incendiasse”.